

RESUMO Este artigo discute a importância do tema da mente animal na argumentação de Charles Darwin em defesa de sua teoria evolutiva. Para tal, lançamos mão de um estudo de caso, acompanhando o “cão de Darwin” em páginas de sua obra. Procuramos demonstrar: 1) que, no discurso de Darwin, a questão da mente animal está intimamente ligada à teoria darwiniana da origem comum (*common descent*); e 2) que o cão descrito pelo naturalista, como protótipo do animal darwiniano, detém uma vida mental e subjetiva complexa, com elementos de continuidade e de descontinuidade em relação à percepção dos animais no imaginário da Inglaterra vitoriana.

Palavras-chave Darwin; origem comum; seleção natural; pensamento populacional; mente animal; cão; Inglaterra vitoriana.

ABSTRACT This paper discusses the issue of animal mind in Charles Darwin's defense of his evolutionary theory. In a case study, we follow “Darwin's dog” along his work. We intend to show that: 1) in Darwin's speech the subject of animal mind is intimately related to the Darwinian theory of common descent by establishing a mental continuity between animals and man; 2) Darwin's dog, as a prototype of the Darwinian animal, possesses a complex mental and subjective life, with components of both continuity and discontinuity to animals as perceived by Victorian England imagery.

Key words Charles Darwin; common descent; natural selection; animal mind; dog; Victorian England.

O cão aos olhos (da mente) de Darwin: a mente animal na Inglaterra vitoriana e no discurso darwiniano

The dog through Darwin's eyes: animal mind in Victorian England and in Darwinian speech

ANDRÉ LUIS DE LIMA CARVALHO
RICARDO WAIZBORT

Casa de Oswaldo Cruz | FIOCRUZ

Um homem se propõe a tarefa de esboçar o mundo. Ao longo dos anos povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de navas, de ilhas, de peixes, de habitações, de instrumentos, de astros, de cavalos, de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.

(BORGES, J. L. *O fazedor*. 1987, p 102)

Não pode ser fidalgo quem não ama um cão (provérbio inglês do séc XVIII).

(THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. 2001, p. 124)

Quanto mais conheço o homem mais eu gosto do meu cão.

(ATAULFO ALVES)

Introdução

Charles Darwin (1809-1882), autor de *A origem das espécies*,¹ obra que revolucionou a forma com que o homem compreende suas relações biológicas com outras espécies animais, condenava como deplorável a atitude de um homem que não valorizava ou retribuía o afeto dedicado a ele por seu cão, afirmando que “sabe-se de um cão

que, na agonia da morte, acarinhou seu dono, e todos já ouviram falar do cão que, sofrendo numa vivissecção, lambeu a mão do homem que o operava". E comenta tal episódio, dizendo que "esse homem, a menos que a operação tenha sido plenamente justificada por um aumento de nosso conhecimento ou que tivesse um coração de pedra, deve ter sentido remorso até a última hora de sua vida".² Nesses comentários encontra-se condensada a visão ética de Darwin quanto ao relacionamento entre homem e animal.³ O apelo é feito no sentido de que se considere o amor fiel e incondicional de um cão sacrificado por um homem, que traiu as expectativas desse afeto canino, que não soube honrar sua devoção a ele. Aliás, "devoção" não é uma palavra exagerada aqui, pois o próprio Darwin a utiliza mais adiante para caracterizar a relação entre os homens e os cães:

O sentimento de devoção religiosa é complexo, consistindo de amor, submissão completa a um superior exaltado e misterioso, um forte senso de dependência, medo, reverência, gratidão, esperança quanto ao futuro, e talvez outros elementos. Nenhum ser poderia vivenciar uma emoção tão complexa até que houvesse avançado em suas faculdades intelectuais e morais até pelo menos um nível moderadamente alto. Não obstante, vemos alguma aproximação longínqua a esse estado de espírito no profundo amor de um cão por seu dono, associado à mais completa submissão, algum medo, e talvez outros sentimentos [...]. O Professor Braubach chega ao ponto de afirmar que um cão olha para seu dono com se olhasse para um deus.⁴

Temos aqui o amor como um componente da devoção, que no animal humano assumirá dimensões mais elevadas e espirituais. Mas ressalta-se, antes de tudo, uma indiscutível continuidade mental entre os homens e os cães, que se manifestará na obra de Darwin onde quer que ele se pronuncie sobre o assunto. E se há alguma diferença entre o sentimento amoroso que um cão experimenta e o amor de que os homens falam e o qual exaltam, essa diferença é, para Darwin, como ademais para todas as faculdades mentais, uma diferença de grau, e não de tipo.

Um notável exemplo dessa atitude devocional do cão perante seu dono se observa na passagem a seguir do *The descent of man and selection in relation to sex*, especialmente significativa por toda a simbologia que evoca:

37

Eu tinha um cão que era feroz e tinha aversão a estranhos em geral, e testei propositalmente sua memória após uma presença de cinco anos e dois dias. Aproximei-me do estábulo onde ele vivia e gritei por ele da minha antiga maneira. Ele não demonstrou qualquer alegria, mas imediatamente me seguiu, caminhando e me obedecendo, exatamente como se eu houvesse estado com ele a apenas meia hora. Uma série de antigas associações, dormentes durante cinco anos, havia, assim, sido instantaneamente despertada em sua mente.⁵

Pode-se estabelecer aqui uma analogia relativamente fácil entre o "cão de darwin" e Argos, o velho cão de Ulisses. É ele a primeira criatura a reconhecer o herói da *Odisséia* quando este retorna da longa jornada de sua vida, travestido por Palas Atena em mendigo maltrapilho. Após abanar-lhe a cauda pela última vez, Argos morre agonizante aos pés de seu dono. Se quisermos aprofundar a comparação entre o naturalista e o personagem mítico, é fácil deduzir que essa ausência prolongada à qual se refere Darwin corresponde certamente à sua expedição a bordo do Beagle, que durou cinco anos, entre 1831 e 1836;⁶ assim como em Ulisses, uma jornada de exploração do desconhecido pelo oceano em busca de tesouros, conquistas, descobertas, mas, principalmente, conhecimento. Uma jornada da qual seu protagonista voltaria irreversivelmente transformado, calejado, amadurecido. Uma viagem que ficaria registrada na história e na mitologia da ciência como feito heróico capaz de transformar o destino dos homens. Nos dois casos, o tema central é o amor devotado de um cão por seu dono, posto à prova pela distância, pela ausência, pelo tempo. E, dessa prova, o amor do "cão de darwin" sai triunfante.

Estudos atuais demonstram que o cão (*canis familiaris*) foi o primeiro animal a ser domesticado,⁷ e essa espécie tem sido desde há muitos séculos objeto de observações e considerações filosóficas e científicas sobre o comportamento animal. Inteligente, cordial, fiel, feroz, dissimulado, triste, o número de atributos mentais reconhecidos nos cães pode se multiplicar quase como os do homem. Mas, nesse contexto, a comparação do comportamento humano com

o comportamento canino adquiriu marcas próprias com o advento do programa de pesquisa darwinista, nascido em meados do século XIX, e até hoje considerado por muitos pensadores um dos mais revolucionários sistemas conceituais da ciência, pelo impacto que causou no universo de valores epistemológicos, científicos e socioculturais vigentes em seu tempo, e que ainda repercute nos dias de hoje.⁸ O objetivo principal desse trabalho é discutir de que forma o cão figura nas narrativas de Darwin a respeito da mente animal. Para efetuar tal investigação, lançaremos mão do método espécime-tipo, descrito por David Hull,⁹ elegendo como unidade de análise o “cão de darwin”, i.e., o cão como percebido e descrito no discurso de Darwin, no papel de protótipo do animal darwiniano. Temos a intenção de mostrar como Darwin serviu-se também dessa espécie para estabelecer sua tese da continuidade mental entre animais e homem – estratégia decisiva para afirmar de maneira definitiva a teoria da origem comum no domínio da mente.

Iniciaremos o trabalho descrevendo o método espécime-tipo proposto por David Hull,¹⁰ de modo a estabelecer a metodologia investigativa. Em seguida, discorreremos a respeito do impacto causado pela teoria darwiniana da origem comum (*common descent*) de todas as espécies de seres vivos no tecido social e, principalmente, no universo intelectual vitoriano. Passaremos, então, a uma breve discussão da história das relações entre homens e cães, nos detendo com mais detalhes no papel dos cães no imaginário inglês a partir do século XVIII, adentrando a era vitoriana. Discutiremos algumas das faculdades mentais que Darwin atribuía ao cão, e algumas implicações éticas levantadas por esse autor a respeito da sensibilidade desse animal. Veremos, então, que se por um lado o “cão de darwin” apresentava alguns elementos de continuidade em relação ao animal vitoriano típico, por outro lado o animal darwiniano estabeleceu uma irreparável ruptura em relação a certos valores teológicos arraigados nessa mesma sociedade em que floresceu o darwinismo.

O método espécime-tipo

Em um artigo intitulado *Darwinism as a historical entity: a historiographical proposal*, David Hull¹¹ argumenta que o darwinismo pode e deve ser compreendido como uma entidade histórica. Hull propõe a adoção de um método oriundo da taxonomia, a ciência da classificação sistemática: o método do espécime-tipo. Originalmente, em sua fase pré-darwiniana, o termo “espécime-tipo” tinha uma orientação essencialista ou fixista. Dentro dessa concepção, em qualquer espécie de ser vivo o esperado seria que todos os indivíduos fossem praticamente idênticos em termos morfológicos (e mesmo comportamentais). Nesse contexto, as diferenças entre os indivíduos, as variações, eram consideradas acidentes que não afetavam a essência da espécie. De acordo com essa lógica, sempre que uma nova espécie era descrita pelos naturalistas, escolhia-se como modelo daquela espécie, para futuras comparações e classificações, algum representante típico da mesma. Esse espécime exemplar típico recebia o nome de “espécime-tipo”, por entenderem os cientistas que ele reunia o maior número possível das características mais comuns aos indivíduos daquela espécie. Armazenado em algum museu de história natural, aquele espécime quase platônico era tomado como modelo de comparação para classificações de novos exemplares.

Note-se que o método do espécime-tipo propunha uma solução para um problema que até hoje aflige biólogos e filósofos da ciência: o problema das espécies. Na introdução de *A origem das espécies*, Darwin faz referência à sua própria contribuição ao “mistério dos mistérios”.¹² Como as espécies aparecem na Terra? Essas espécies se modificam? Considerando que o homem (*homo sapiens*) é uma única espécie, entre milhões de outras, dos mais variados grupos (tão distintos entre si como, por exemplo, uma árvore e um caramujo), a pergunta é: o que permite dizer que uma espécie de ser vivo é diferente de outra? Qual é o critério que permite pensar, novamente por exemplo, que chimpanzés e gorilas pertencem a espécies diferentes? Mais uma vez, o que é uma espécie? Nos marcos da teoria essencialis-

ta, uma espécie é a representação da Espécie platônica, incriada e imutável, idêntica a ela mesma desde sempre. O espécime-tipo corresponderia ao tipo médio, e qualquer variação em relação a esse tipo era considerada uma imperfeição accidental que não atingia a essência da espécie. A espécie era fixa e não podia se transformar.

Com o advento da teoria evolucionista de Darwin, porém, a própria ciência taxonômica sofreu transformações significativas. Ao negar a visão essencialista e enfatizar a importância da variabilidade que ocorre entre indivíduos de uma mesma espécie, a variação intra-específica, o programa de pesquisa darwinista demonstrou que não existem realmente indivíduos ideais representativos de uma espécie. A variação passou a ser a regra, e não mais a exceção. Em decorrência dessa nova concepção, na taxonomia moderna, de orientação não-essencialista, qualquer exemplar encontrado de uma nova espécie, por mais aberrante que pareça em comparação com os tipos morfológicos mais comumente encontrados, pode ser usado como espécime-tipo, ou seja, como referência para descrição daquela espécie.

Extrapolando essa lógica não-essencialista para a análise de entidades históricas, Hull¹³ defende que, se desejamos estudar uma comunidade científica ou um sistema conceitual como entidade histórica, podemos eleger qualquer autor pertencente a essa comunidade ou qualquer conceito inerente ou dedutível desse sistema como um espécime-tipo. Em outras palavras, o pesquisador pode escolher qualquer membro de uma comunidade ou qualquer conceito dentro de um sistema e acompanhar seu comportamento na rede de relações que estabelece, sem precisar preocupar-se em escolher algum “representante típico”. A idéia subjacente é que não importa quão periférico aquele espécime-tipo possa parecer em relação à entidade histórica estudada: se sua teia de relações for bem explorada, acabará revelando o perfil, a dinâmica, a variabilidade, a trajetória dessa entidade histórica. Hull salienta ainda que, do ponto de vista das entidades históricas, uma importante distinção a fazer é justamente entre o darwinismo como sistema conceitual e os darwinistas como um grupo social. Ambas as categorias são entidades históricas, mas confundir personagens históricos com os sistemas científicos que esses personagens propuseram obscurece a relação entre homens e idéias, e praticamente impede a possibilidade de uma história das idéias, que morreriam então junto com a mente de seus autores.

39

Para uma discussão do papel do animal darwiniano na elaboração da teoria da mente em Darwin,¹⁴ estamos adotando, desde o início do texto, como espécime-tipo, ou seja, como unidade de análise, o “cão de darwin”. Um cão que se revela ao leitor a partir do olhar e das palavras de Darwin nos livros *The descent of man and selection in relation to sex (Origem do homem e seleção sexual)*, publicado em 1871; e *The expression of emotions in man and animals (A expressão das emoções no homem e nos animais)*, de 1872. Para estabelecer o cenário no qual esse “cão de darwin” nasceu e vicejou, descreveremos a seguir, brevemente, o contexto em que floresceu o darwinismo.

O despontar do darwinismo e a teoria da origem comum

Aos 24 dias de novembro de 1859, foi publicada, por Darwin, a primeira edição do *Origin of species (A origem das espécies)*, doravante *Origin*.¹⁵ Para grande surpresa do editor, a modesta tiragem de 1250 exemplares se esgotou naquele mesmo dia do lançamento.¹⁶ Aquele era um período de grande ebulição cultural e científica. Muitas das idéias novas que já há muito fermentavam começavam agora a borbulhar mais intensamente, e nas mais diversas frentes do saber ocidental novas teses eram proclamadas e defendidas. No campo político-econômico prosperava o modelo do *laissez-faire* capitalista, amparado pela teoria malthusiana da regulação populacional.¹⁷ Mesmo na teologia, já anteriormente minada pelo materialismo iluminista,¹⁸ havia uma ambiência de flexibilidade e variedade de teses em debate, que fragilizavam o status da Igreja Anglicana.¹⁹ O modelo de um universo físico em evolução já era ponto de discussão nas interrogações que hoje identificamos como pertinentes aos campos da geologia e da cosmologia. Nessas ainda nascentes ciências, e também em uma embrionária biologia, as chamadas teorias de desenvolvimento (*development*

theories) se opunham às ortodoxas teorias do estado fixo (*steady-state theories*), mais compatíveis com a perspectiva do criacionismo fixista, segundo o qual todas as espécies de seres vivos foram criadas por Deus nos primeiros dias da Criação e, desde então, nenhuma espécie nova foi criada, e nenhuma espécie existente foi extinta.²⁰

Enquanto a primeira metade do século XIX fora devotada a revelar a variedade de espécies na natureza, na segunda metade nascia um esforço coletivo de explicar como e por que essa variedade se manifestava.²¹ David Knight²² chama atenção para o fato de que esse era um contexto de instabilidade das instituições sociais; “as lutas eram a regra”, e, portanto, a idéia de “luta pela existência” – expressão cunhada por Herbert Spencer e adotada por Darwin – soava como um padrão óbvio para a natureza. Nesse aspecto, a teoria darwiniana estava bem de acordo com as tendências da época. No círculo dos homens interessados em história natural, tinha início uma era de gradual e crescente especialização e profissionalização. Surgia a demanda por um novo tipo de cientista natural, capacitado e empenhado em um modo de investigação mais empírica e especulativa, muito diferente da atitude típica do naturalista amador, de basicamente coletar e classificar exemplares de diferentes espécies.²³

Mas, ainda com todos esses elementos favoráveis, foi grande o impacto de *A origem da espécie* sobre o pensamento ocidental. E, na Inglaterra vitoriana, esse impacto foi especialmente sentido por causa das implicações das teses sobre o lugar e o status do homem no mundo natural. Pois a filosofia inerente ao discurso de Darwin trazia em seu bojo concepções muito ameaçadoras aos valores e doutrinas teológicas então predominantes.

Ernst Mayr afirmou em seu enciclopédico livro de 1982, *O desenvolvimento do pensamento biológico*, que “nada assinalou de modo mais definitivo a emancipação da ciência em face da religião e da filosofia do que a revolução darwiniana”.²⁴ Se nos séculos XVII e XVIII ciência e religião eram aliadas na tentativa de explicar a ordem natural,²⁵ a partir do século XIX as duas entram em franco antagonismo.²⁶ A publicação, em 1859, de *A origem das espécies*, promoveria uma profunda e revolucionária transformação na forma de entender o lugar do homem no mundo natural. Com o alvorecer do darwinismo – deflagrado por tal obra – efetuava-se uma ruptura em relação ao conhecido “argumento do *design*” da teologia natural do século XVII, que considerava a natureza como um livro de autoria divina, e os seres vivos, com seus desenhos adaptativos perfeitos, a evidência mais forte do ato da Criação e da existência de um Criador.²⁷ O programa de pesquisa darwinista, que ora florescia, substituía a explicação teológica por uma explicação naturalística. Retirando do homem seu status especial de criatura única, dotada de alma imortal de origem divina, o darwinismo nos nivelou com os demais seres vivos, tornando o ser humano apenas mais um ator no palco do drama evolutivo.

Ernst Mayr defende que, embora Darwin provavelmente considerasse todos os componentes de sua teoria evolucionista como um todo único e indivisível, o darwinismo não era na verdade um bloco monolítico, e sim cinco teorias “amplamente independentes”, a saber: 1) evolução como fato; 2) origem comum de todos os seres vivos (*common descent*); 3) gradualismo do processo evolutivo; 4) especiação populacional; e 5) seleção natural. Mayr defende que, na realidade, emerge uma imagem muito mais clara do darwinismo se essas cinco linhas forem tratadas em separado. Para sustentar sua tese, demonstra que muitos dos principais autores contemporâneos de Darwin e participantes do programa de pesquisa darwinista não concordavam entre si ou com Darwin quanto à importância desses cinco componentes da teoria maior, e isso não os excluía do projeto darwinista, desde que compartilhassem do primeiro e do segundo desses itens (evolução como fato e origem comum).²⁸

A noção em si da existência da evolução das espécies biológicas não foi uma idéia original de Darwin; ela já figurava nos escritos de alguns autores transformacionistas do fim do século XVIII e início do XIX, como é o caso do evolucionismo comportamental dos franceses Pierre-Jean Cabanis e Jean-Baptiste de Lamarck, e de Erasmus Darwin, avô do próprio avô Charles.²⁹ As teorias evolucionistas desses autores em muito pouco se assemelhavam, no entanto, à de Darwin. Discutir em detalhe as particularidades de cada uma dessas teorias e seus pontos de semelhança com a teoria darwinista demandaria, contudo, muito mais espaço do que aqui dispomos, além de fugir ao escopo do

presente artigo. Mas um dos principais componentes que diferenciam o corpus teórico darwiniano é a própria noção de origem comum, que colocou em ação todo um exército de zoólogos, anatomistas e embriologistas em busca de relações de parentesco e das prováveis características dos ancestrais comuns inferidos.³⁰ Os esforços individuais e conjuntos desses homens de ciência acabaram por reunir inúmeras evidências que a teoria da origem comum explicava, mas que não recebiam qualquer explicação com base no princípio fixista da criação em separado, então advogada pelos adeptos da teologia natural.³¹ Tais evidências, segundo Ellegard, incluíam dados relativos a: distribuição geográfica das espécies; presença de órgãos rudimentares em vários animais; observações de semelhanças no desenvolvimento embriológico de organismos pertencentes a grupos taxonômicos relativamente distantes. Além disso, continua Ellegard, analogias estabelecidas por Darwin com outras disciplinas também reforçavam sua argumentação em favor da tese da origem comum – a saber, a geologia (teoria uniformitarista de Charles Lyell) e a filologia, a semelhança entre a origem das espécies e a das linguagens a partir de um primeiro tronco ancestral único. Diz-se, inclusive que o próprio Darwin abduziu sua teoria genealógica de estudos de filiação de linguagens.³²

A tese da origem comum postula ter a vida surgido uma única vez no planeta (Darwin jamais se aventurou a especular sistematicamente sobre a origem da vida propriamente dita), e que todas as espécies de seres vivos – atuais ou extintos – seriam descendentes desse primeiro proto-organismo. Isso implicava, como vimos, uma herança biológica ancestral partilhada por todos os seres vivos. Assim sendo, a evolução da vida no planeta podia ser representada pela imagem de uma árvore. Na base dessa árvore situar-se-ia o primeiro organismo, ancestral remoto de todas as formas de vida, e seus galhos representariam as complexas ramificações dos diversos grupos taxonômicos a compartilhar diferentes graus de parentesco.

Mas a idéia de origem comum era portadora de implicações ainda mais profundas e inquietantes. Essa noção de ancestralidade compartilhada não se restringia à dimensão física; ela se estendia para um domínio muito mais temerário. A partir de algum momento no processo evolutivo, alguns dos ramos da árvore da vida começam a gerar seres com um novo atributo adaptativo: a mente. Em Darwin, essa mente não é mais o grande distintivo demarcador da singularidade humana. Na verdade, o primeiro broto de mente a florescer na árvore da vida surge muito antes do homem. Nasce como mente animal, em ramos muito mais antigos, em formas ainda muito “inferiores”, nas palavras de Darwin.³³ Já não eram, então, apenas os nossos corpos que estavam sob o risco da dessacralização. A própria alma humana se via em sério perigo de perder sua substância singular e divina para as garras de um aviltante passado animal, sob os argumentos e evidências perniciosos de uma teoria científica que ganhava cada vez mais terreno e adeptos. Foi em reação a essa implicação da teoria darwiniana que Benjamin Disraeli, novelista e líder do Partido Conservador da Inglaterra, levantou em novembro de 1864 a questão na Conferência Diocesana de Oxford: “É o homem um macaco ou um anjo?”; “Eu estou do lado dos anjos” – foi a resposta que deu à própria pergunta³⁴. Darwinistas como Thomas Huxley, o próprio Darwin e tantos outros estavam, obviamente, por assim dizer, do lado dos macacos.

Esse destronamento do homem não se daria senão à custa de muitas rugas. Na verdade, poderíamos dizer que ele se deu por etapas. Através de um extenso estudo sobre a recepção do darwinismo na imprensa britânica no período de 1859 a 1872, Ellegard demonstra no livro *Darwin and the general reader* que, após acirrados e prolongados debates entre os darwinistas e seus opositores, a teoria darwiniana foi progressivamente avançando, até a questão da evolução tornar-se central ao pensamento biológico. Esse autor aborda de forma detalhada as várias frentes de debate entre os darwinistas e os cientistas e religiosos adeptos da então vigente teologia natural, e mostra como esses últimos foram sendo obrigados a ceder terreno e reformular suas teses à medida que os evolucionistas partidários de Darwin iam reunindo argumentos e evidências em seu favor. Assim, primeiramente o acúmulo de descobertas fósseis forçou os fixistas a abrir mão de sua perspectiva, segundo a qual todas as espécies vivas atualmente existentes estavam na Terra desde os primórdios da criação, e admitir como fato a evolução das espécies. No passo seguinte do desenrolar desse debate não havia como evitar a questão crucial implicada no bojo dessa polêmica: a da origem do homem e sua

inserção no reino animal. A instância da mente humana, em particular, seria foco da mais obstinada resistência, dada sua significância para assegurar o tão caro status teológico e ideológico da singularidade humana, por abranger em seu domínio características tais como a razão e a moralidade.³⁵

Ellegard propõe uma classificação específica das reações e atitudes dos diversos grupos de autores e atores sociais contemporâneos de Darwin no que dizia respeito à origem e desenvolvimento do homem. Esse autor divide em três tipos as teses a respeito do tema. Num extremo havia a posição que Ellegard chama de “criação em separado” (*separate creation*). Os advogados dessa tese defendiam que o homem como um todo – corpo e alma – teria sido criado de forma independente do resto do mundo orgânico. Era essa a tese dos criacionistas mais ortodoxos. A posição intermediária seria a da “criação mental” (*mental creation*). Aqueles que adotaram essa tese admitiam que o corpo do homem teria evoluído da mesma maneira que o dos animais inferiores, mas insistiam na concepção de que a alma humana teria sido criada em separado – e, portanto, não seria fruto do processo biológico evolutivo. No outro extremo havia a tese do “desenvolvimento” (*development*). Tal posição sustentava a existência de uma evolução biológica gradual, tanto do corpo como da mente. Era essa a posição defendida por Darwin e por muitos (mas não todos) aliados seus.³⁶

Para estabelecer de forma convincente e definitiva sua teoria da evolução a partir de uma origem comum com modificação, Darwin precisava, portanto, derrubar a última barreira, invadir a última cidadela argumentativa defendida com unhas e dentes pelos teólogos naturais: a barreira da mente. Com o terreno já parcialmente preparado pela publicação, em 1863, de *Man's place in nature*, de Thomas Henry Huxley,³⁷ Darwin finalmente publicaria, em 1871, *The descent of man and selection in relation to sex*³⁸ (doravante denominado *Descent*). Nessa obra, aprofundava o tema que deixara apenas insinuado quando da publicação do *Origin*: a origem do homem e sua participação no processo de evolução biológica. Explicitando desde o início da obra sua intenção de demonstrar que o homem apresenta uma relação de ancestralidade compartilhada com os demais seres vivos, Darwin redigiu vinte e um capítulos. Destes, três (do terceiro ao quinto) foram exclusivamente dedicados a discutir o desenvolvimento de variadas faculdades mentais de um ponto de vista evolutivo. Desses três capítulos, dois (o terceiro e o quarto) diziam respeito especificamente à “comparação dos poderes mentais do homem e dos animais inferiores”. Nesses capítulos, a noção de mente animal era afirmada, e suas semelhanças com a mente humana eram defendidas a partir de múltiplas evidências e argumentos que apontavam para a existência de um princípio de continuidade mental.

Um dos propósitos do *Descent* parece ter sido o de dar uma resposta definitiva, um tiro de misericórdia, à linha argumentativa de certos autores – tanto adversários como aliados parciais do programa darwinista. Tais autores cediam à noção de uma origem física em comum entre homem e animais, mas insistiam numa criação em separado da mente humana por intervenção divina.³⁹ Procuravam, com esse malabarismo intelectual, garantir a já tão fragilizada tese da singularidade humana na ordem natural. Daí a importância da presença, no *Descent*, de discussões especificamente voltadas para o debate das relações entre a mente animal e a humana.

No ano seguinte, 1872, Darwin publicava *The expression of the emotions in man and animals* (doravante denominado *Expression*).⁴⁰ Esse livro fora originalmente concebido como parte do próprio texto do *Descent*, mas Darwin optou por lançar esse texto em volume independente, tanto por motivo de espaço quanto por julgar mais conveniente separar os assuntos.⁴¹ Praticamente tão volumoso quanto seu predecessor, o *Expression* é especificamente dedicado ao estudo de expressões faciais e posturas corporais indicativas de diversos estados emocionais nos animais e no homem. Seu propósito principal explicitado é basicamente o mesmo do *Descent*: demonstrar a existência de uma relação de continuidade decorrente de parentesco, nesse caso entre os comportamentos de expressão emocional animais e humanos, como já anuncia o próprio título do livro.

No *Descent*, Darwin reuniu esforços no sentido de construir um discurso sólido, uma argumentação lógica convincente e uma grande quantidade de evidências em favor da existência da mente animal e de sua semelhança com a

mente humana. Uma das maneiras de fazer isso foi listando e apontando, nos mais diversos grupos de animais, comportamentos semelhantes àqueles que o senso comum atribuía unicamente à espécie humana. Para dar cabo dessa tarefa, Darwin recorreu tanto a observações pessoais suas como a fatos de conhecimento geral e relatos anedóticos das mais diversas fontes: naturalistas, militares em campanha, tratadores de animais em zoológicos, entre outros. Dentre os inúmeros animais cujas mentes esse autor visitou destacam-se, em quantidade de exemplos, os diversos tipos de macacos e o cão doméstico.

A relação entre homens e cães – uma perspectiva histórica

Desde os tempos em que seus ancestrais sentavam-se lado a lado aos pés das fogueiras primevas, homens e cães compartilham uma duradoura relação de parceria e exploração.⁴² As evidências arqueológicas indicam que o cão foi a primeira espécie de animal submetida ao processo de domesticação, o que deve ter ocorrido por volta do fim da última Era Glacial – que se estendeu de cerca de 19 mil a 10 mil anos atrás, quando toda a subsistência humana dependia da caça e da coleta.⁴³ Juntos, já então rastreavam, perseguiam, acuavam e abatiam presas de remotas idades, dividindo o calor de seus corpos e os despojos de suas caçadas. No curso dessa longa história biológica e cultural compartilhada, nossas atitudes para com os cães alteraram os rumos da própria evolução desses animais. Por meio da seleção artificial, conduzida pelas mãos e pelos propósitos dos homens, os cães diversificaram-se nas mais variadas raças, portes, comportamentos, aptidões e tendências. Hoje os cães servem aos homens não mais apenas como colaboradores de caçadas. São também guardiões de propriedades, pastores de rebanhos, animais de tração, rastreadores de drogas e de fugitivos, e em grande número cumprem o papel de cães de companhia, companheiros no conforto do lar, entre tantas outras funções desempenhadas de acordo com as características genéticas herdadas e o treinamento recebido.⁴⁴

Um animal que acompanha os passos do homem há tantas eras certamente terá ocupado diferentes lugares no imaginário popular em diferentes períodos e culturas. Mesmo hoje as opiniões das pessoas sobre o cão doméstico variam muito dentro de uma mesma cultura. Podem ir de um extremo a outro, da aversão e rejeição mais radicais a um amor ingênuo e antropomorfizante.⁴⁵ É desnecessário, portanto, falar sobre a importância cultural do cão na estrutura das mais diversas sociedades humanas ao redor do globo. Na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, esse animal ocupava no imaginário coletivo um papel de grande destaque.

Keith Thomas observa que “a metade do século XVIII presenciou um culto da sensibilidade, uma voga das lágrimas e uma ampla aceitação por parte das classes médias do princípio de que transmitir felicidade é a característica da virtude. A bondade e a benevolência passaram a ser ideais oficiais”.⁴⁶ Na Inglaterra do século XVIII, a ênfase na sensibilidade como valor cultural não se restringia aos homens ou às relações humanas. Ao contrário, o cultivo de bons e nobres sentimentos se espalhava nas relações entre homens e animais. Refletia-se, no campo da ética, em questionamentos contra a crueldade com os animais. Aqui importavam não apenas os sentimentos que um homem deveria ser capaz de nutrir para com os animais, mas também a inteligência, a sensibilidade, as experiências emocionais das quais os próprios animais eram considerados capazes. Ou, nas palavras do Lorde Monboddó, o fato de os animais serem aptos a sentir os “prazeres da mente”, tais como a solidariedade de grupo e a afeição pela prole.⁴⁷

Thomas, porém, chama atenção para o fato de que essa mentalidade e atitude de maior sensibilidade na lida com os animais não se espalhava de forma homogênea. Afirma que por trás da evidente distinção de classes havia uma fronteira muito nítida entre as sensibilidades. A delicadeza com os animais era um luxo que nem todos tinham condições de praticar. A maioria dos trabalhadores “continuava a considerar os animais de uma perspectiva funcional, em

que não entrava sentimento”.⁴⁸ Tampouco dentro das classes médias todos os tipos de animais eram igualmente considerados dignos de um tratamento benevolente. Thomas enumera algumas “espécies privilegiadas”, como o cavalo, o falcão, o gato, o cão. Basicamente, animais domesticados, principalmente os de estimação, que eram distinguidos dos demais animais por três traços particulares: não eram usados como alimento; tinham permissão para entrar nas casas; recebiam nomes individuais. Além disso, com frequência esses mascotes eram mais bem alimentados que os empregados. Muitos eram enfeitados com anéis, fitas, plumas e sinos. Tão valorizados eram esses animais privilegiados, que vieram até mesmo a tornar-se presença constante nos retratos de família em grupo, e os membros da aristocracia manifestavam um desejo crescente de se fazer cercar de pinturas individuais de seus cães, pássaros e cavalos favoritos.⁴⁹ Com a morte de seus animais de estimação, os pesarosos proprietários podiam sofrer profundo abalo, e não eram poucos os que marcavam tais acontecimentos com epitáfios e elegias. E se o dono os precedia na sepultura, esses animais podiam comparecer ao funeral e por vezes chegavam a receber um legado para sua manutenção.

Thomas não deixa dúvidas, no entanto, a respeito de qual, dentre esses animais era o grande predileto: “O cão era o preferido de todos os animais. Havia cães por toda a parte na Inglaterra do início dos tempos modernos”.⁵⁰ Segundo esse autor, a Inglaterra de séculos anteriores testemunhou uma verdadeira obsessão pelos cães, e os alicerces dessa obsessão foram lançados no princípio dos tempos modernos.⁵¹ Assim, no século XVIII o cão já era geralmente conhecido como o mais inteligente de todos os quadrúpedes conhecidos, e louvado como o mais fidedigno e a companhia mais humilde do homem. Thomas também afirma que houve uma tendência acentuada a encarar o cão como símbolo nacional. A aristocracia tinha especial predileção por esse animal, daí o provérbio: “não pode ser fidalgo quem não ama um cão”.⁵² Apesar disso, continua o autor, “a publicação de obras sentimentais sobre os cães só começou no século XIX”, período de ascensão das exposições caninas, fundação do *Kennel Club* e “a redação de inumeráveis poemas sobre cães com olhos humanos”.⁵³ Esse modo de percepção da sensibilidade canina está presente no discurso de Darwin sobre a mente animal e também em sua forma de se relacionar com seus próprios cães, como veremos a seguir.

O cão aos olhos (da mente) de Darwin

Na biografia que escreveu sobre Darwin, Janet Browne⁵⁴ comenta que constituíam parte essencial de sua rotina diária uma visita à estufa para uma conversa com os jardineiros, seguida de um passeio a esmo pelas cercanias “com um cão em seus calcanhares”. Dois cães se destacaram na trajetória pessoal de Darwin: Bob e Polly.⁵⁵ Polly era uma *terrier* que pertencia a sua filha Henrietta e, nas palavras de Browne, “tão devotada a Darwin quanto este era devotado a ela”.⁵⁶ Na verdade, após o casamento de Henrietta, Polly permaneceu em Downhouse, a propriedade rural onde viviam os Darwin, e “adotou Darwin completamente”.⁵⁷ A pequena *terrier* aparece no *Expression* como exemplo de expressões de comportamento inteligente e de atenção. Acompanhava seu dono e a família a toda parte, e deitava-se em um tapete aos pés do sofá onde ele repousava.⁵⁸ Era ela o animal que dormia num cesto próximo à lareira de seu escritório, enquanto Darwin escrevia seus livros e artigos que iriam revolucionar o pensamento biológico e social do homem sobre as espécies e ele mesmo.⁵⁹

Bob, o cão dos estábulos, também figura nos escritos de Darwin. O naturalista tomou-o como exemplo, no *Expression*, para explicar o seu “princípio da antítese”, segundo o qual uma determinada expressão emocional era compreendida como oposta, em manifestação física e significado comunicado, a alguma outra expressão que lhe teria servido de modelo evolutivo.⁶⁰ Era também a Bob que Darwin referia-se, no *Expression*, ao descrever a “cara de estufa” (*hot house face*) adotada por um de seus cães, numa expressão de desespero absoluto ao dar-se conta que seu dono saía de casa meramente para uma visita à estufa, e não para uma longa caminhada em sua companhia pelos arredores.⁶¹

Vivendo à sombra do eminente cientista, acompanhando-o por todo lugar e proporcionando material para suas observações, Bob e Polly – e provavelmente também outros cães – inspiraram Darwin em boa parte de suas formulações sobre o comportamento e os atributos da mente animal.

Ao longo de todos os capítulos do *Descent*, o discurso de Darwin sobre a evolução da mente está em visível sintonia com a perspectiva eurocêntrica característica da Inglaterra do século XIX. Isso fica muito claro quando Darwin se refere a uma gradação quanto à capacidade mental das diversas raças humanas. Nessa verdadeira escala dos seres, os seres humanos pertencentes a culturas de caçadores-coletores são considerados biologicamente mais primitivos e, portanto, moral e mentalmente inferiores. Inúmeras são as passagens nas quais essa crença é explicitada. Uma vez que a análise dessa concepção não está no cerne do problema que ora estamos estudando, destacaremos aqui apenas um trecho ilustrativo:

*As principais causas da baixa moralidade dos selvagens, julgadas pelo nosso padrão, são, em primeiro lugar, a restrição da simpatia (sympathy) aos membros da mesma tribo. Em segundo lugar, poderes de raciocínio insuficientes para reconhecer a posse de muitas virtudes, especialmente das virtudes auto-referentes (self-regarding virtues), para o bem geral da tribo. Os selvagens não são capazes, por exemplo, de reconhecer os males multiplicados decorrentes da ausência de temperança, castidade, etc. E, em terceiro lugar, um baixo poder de autocontrole, pois[nos selvagens] tal poder não foi fortalecido por meio de longos e continuados, e talvez herdados, hábitos, instrução e religião.*⁶²

Analisando a moralidade “inferior” dos ditos “selvagens”, Darwin afirma a inferioridade destes também no uso da razão e no poder de autocontrole. Em outra passagem, Darwin compara a mente do cão com a de seus parentes selvagens. Em oposição à declaração feita pelo Arcebispo Summer, segundo a qual o homem seria o único animal capaz de auto-aprimoramento, Darwin responde com vários contra-exemplos, com destaque para evidências que apresenta em favor do auto-aprimoramento do cão, quando afirma que “nossos cães domésticos descendem dos lobos e chacais, e embora possam não ter ganhado em astúcia (*cunning*), e possam ter perdido em cautela (*wariness*) e desconfiança (*suspicion*), ainda assim eles progrediram em certas qualidades morais, tais como afeição (*affection*), confiabilidade (*trust-worthiness*), temperamento (*temper*) e, provavelmente, em inteligência geral”.⁶³ Aqui observa-se que o “cão de darwin”, como animal domado pela cultura civilizadora, é objeto e agente de uma evolução mental em muito semelhante àquela que caracteriza o homem branco europeu. Assim como o gentil-homem britânico goza de uma inteligência superior à dos grandes antropóides e a dos selvagens primitivos, também o cão supera em capacidade mental e até mesmo “em certas qualidades morais” o lobo e o chacal, seus parentes selvagens mais próximos. Assim como ocorre com seu dono, o “cão de darwin”, seu fiel companheiro, honra seu posto de melhor amigo do homem. São ambas expressões, em escalas diferentes, da supremacia das raças nobres sobre as raças bárbaras, da inteligência domada e civilizada sobre a inteligência primitiva e selvagem.

45

O “eu” animal e o pensamento populacional: individualidade e variabilidade mental no animal vitoriano e no animal darwiniano

Segundo o historiador Keith Thomas, desde pelo menos meados do século XVII constata-se a atribuição de características mentais individualizadas a diferentes animais de uma mesma espécie. Até mesmo uma capacidade moral parecia ser atribuída a pelo menos alguns animais domésticos, e não a outros, por boa parte da população. Treinavam-se cães e cavalos mediante um complexo sistema de recompensas e punições, processo este que visava fazer desenvolver-se um “caráter” individual. Nas palavras do terceiro conde de Shaftesbury, “suas afeições e paixões, seus apetites e antipatias” eram “observados tão adequadamente como os da espécie humana, sob a mais estrita disciplina da educação”.⁶⁴

Eram justamente essas diferenças individuais de temperamento e caráter entre os animais que os faziam moralmente responsáveis por seus atos. Essa individualidade animal era refletida, por exemplo, no hábito – até hoje presente – de dar aos animais domésticos nomes individuais.⁶⁵ Afirmava-se, assim, no período moderno, um “eu” animal, uma atenção às idiosincrasias e a uma espécie de subjetividade de cada animal como indivíduo único.

Essa atenção ao “eu”, que já começara a despontar, portanto, nesse período, ganharia nova força e novas tintas com a acima mencionada preocupação obsessiva com a introspecção que, segundo Peter Gay, caracterizava a sociedade burguesa vitoriana. O século XIX foi um período de intensa afirmação do “eu”, da valorização do indivíduo como centro da experiência, tendência que conheceria seu apogeu um pouco mais tarde, com o nascimento da psicanálise de Sigmund Freud.⁶⁶

Esse olhar individualizante permeia e fundamenta toda a obra de Darwin. Afinal, um dos aspectos que caracterizam a teoria evolucionista de Darwin é o chamado “pensamento de população”, em oposição à concepção essencialista da origem e diversidade das espécies animais e vegetais.⁶⁷ Na formulação de seu pensamento populacional, Darwin dava ênfase à variação individual, pois era justamente a existência dessa variabilidade intra-específica (i.e., diferenças entre quaisquer dois indivíduos de uma mesma espécie), que permitia a ação da seleção natural, favorecendo o êxito competitivo e a vantagem reprodutiva dos indivíduos melhor adaptados às condições ambientais num dado momento histórico.⁶⁸

Essa variabilidade das características individuais não estava restrita aos aspectos físicos; estendia-se também aos traços mentais. No *Descent*, Darwin aponta como uma das tantas evidências da continuidade mental entre animais e homens o fato de que, assim como acontecia com os homens, também entre os animais havia diferenças individuais bem acentuadas em habilidades mentais. Afirma que “a variabilidade das faculdades nos indivíduos da mesma espécie é um importante ponto”, e que descobriu que “é opinião unânime de todos que há muito trabalham com animais de vários tipos, incluindo as aves, que os indivíduos diferem muito em todas as características mentais.”⁶⁹

E aos poucos vai ganhando corpo, ao longo das linhas do *Descent*, esse animal darwiniano. Um animal que goza de uma vida mental rica. Um animal dotado de racionalidade e até mesmo de instintos sociais precursores da moral humana. Um animal que experimenta emoções e que goza de peculiaridades mentais e comportamentais que lhe conferem individualidade. Isso era atestado pelas pessoas que lidavam diariamente com animais dessas estirpes. Darwin vai buscar, não entre teóricos e livros, mas entre homens que viviam entre animais, a evidência que a mente individual variava, que cada boi, pato, porco, cavalo, pombo, cada indivíduo possuía uma personalidade diferente.

No capítulo III do *Descent*, por exemplo, após iniciar um parágrafo no qual tenta estabelecer a idéia de que “os animais inferiores são excitados pelas mesmas emoções que nós”,⁷⁰ logo adiante Darwin afirma que “a coragem e a timidez são qualidades extremamente variáveis nos indivíduos da mesma espécie, como é claramente observável nos cães. Alguns cães e cavalos são mal-humorados (*ill-tempered*) e tornam-se facilmente amuados (*sulky*); outros são bem-humorados. E essas qualidades são certamente herdadas”.⁷¹ Nessa passagem Darwin aponta a existência de diferenças mentais individuais entre os cães, usando como exemplo a coragem, a timidez e as variações de humor

Examinemos agora trechos nos quais o “cão de Darwin” serve como exemplo da possibilidade de autoconsciência em um animal. Num deles o cão se mostra portador de qualidades precursoras de um comportamento moral, quando o naturalista sustenta que, além do amor e da simpatia, os animais exibem outras qualidades relacionadas aos instintos sociais, as quais em nós seriam chamadas de morais. E diz concordar com Agassiz quando este afirma que os cães possuem algo muito semelhante a uma consciência.⁷² Em outro trecho, Darwin apela para a experiência subjetiva de vida de um velho cão:

*Pode-se admitir que nenhum animal é auto-consciente, se com esse termo estiver implicado que ele reflete em pontos tais como de onde vem e para onde vai, ou o que é a vida ou a morte, e assim por diante. Mas como podemos ter certeza que um velho cão com uma excelente memória e algum poder de imaginação, conforme demonstrado por seus sonhos, nunca reflete sobre os prazeres e dores passado vividos nas caçadas? E isso seria uma forma de autoconsciência.*⁷³

A evocação de reflexões do cão “sobre seus *prazeres e dores* passados vividos nas caçadas” aponta para uma continuidade entre comportamento e estados mentais entre cães e homens. Essa continuidade seria o resultado de uma origem comum. Mas a questão da origem comum da mente coloca em questão também a da própria origem da mente: o que é a mente? De onde ela veio? Para que serve? Para Darwin, as respostas a essas perguntas não podem ser dadas, a menos que abandonemos a crença de que nossos atributos morais são fixos e provenientes de uma entidade sobrenatural. Na concepção darwiniana, no entanto, a mente já havia emergido no cenário da Terra muito antes do advento das formas homínidas. Tanto que, na visão de Darwin, o próprio senso de individualidade surge em grupos filogeneticamente independentes do homem, como é o caso do cão. Após classificar como “inquestionável” a idéia de que os animais mantêm sua individualidade mental, o evolucionista observa que “quando minha voz despertou uma série de antigas associações na mente do cão anteriormente mencionado, ele deve ter mantido sua individualidade mental, muito embora todos os átomos do seu cérebro possam ter sofrido mudanças mais de uma vez nesse intervalo de cinco anos”.⁷⁴ Assim Darwin afirma com todas as letras a individualidade mental dos animais, exemplificada pela memória de um velho cão.

As múltiplas faculdades mentais do “cão de darwin”

47

São inúmeras as faculdades mentais que Darwin atribui aos animais, como podemos observar acompanhando o cão. Darwin faz referência, por exemplo, ao bom humor de um cão ao brincar com seu dono. Também afirma que os cães apresentam o que pode ser chamado, com justeza, de um senso de humor, como distinto do mero brincar. Se um graveto ou outro objeto é lançado a um cão, este com frequência o carregará para dali a uma pequena distância; e então, agachando-se com ele no chão próximo, aguardará até que seu dono chegue próximo o bastante para tirá-lo dele. O cão pegará, então, o graveto e correrá para longe em triunfo, repetindo a mesma manobra, e evidentemente desfrutando dessa peça pregada [ao dono].⁷⁵

Esse animal bem-humorado pode também apresentar um comportamento supersticioso, o que é compatível com seu poder de imaginação. Darwin afirma que uma vez que cães, gatos e cavalos, e provavelmente todos os animais superiores, até mesmo as aves, têm sonhos vívidos, e que isso seria demonstrado pelos movimentos e pelos sons emitidos enquanto dormem, devemos admitir que possuem certo poder de imaginação. Deveria haver algo especial que faz com que os cães uivem à noite, e especialmente ao luar, de maneira tão notável e melancólica. Segundo Darwin, Hozeau acreditaria que a imaginação dos animais é perturbada pelos vagos contornos dos objetos ao redor, evocando neles imagens fantásticas. Se for esse o caso, então seus sentimentos podem quase ser chamados de supersticiosos.⁷⁶

A inteligência racional é outra importante característica mental dos cães, conforme se pode observar pelos relatos em segunda mão que Darwin apresenta como evidências do uso da faculdade da razão por esse animal:

Os casos a seguir dizem respeito a cães. Mr. Colquhoun abateu dois patos selvagens, que caíram na margem oposta de um córrego. Sua cadela retriever tentou trazer ambos de uma só vez, mas não teve êxito. Ela, então, embora até aquele momento nunca houvesse sequer amassado uma pena, matou deliberadamente um deles, trouxe o outro e voltou para buscar a ave morta. O Coronel Hutchingson relata que duas perdizes foram atingidas pelo mesmo tiro, havendo uma delas sido morta e a outra, ferida. Esta última tentou escapar, e foi capturada pela retriever, que ao

retornar deparou com a ave morta. *‘Ela parou, evidentemente muito confusa, e após uma ou duas tentativas, julgando que não poderia prosseguir sem possibilitar a fuga da ave abatida, ponderou por um momento e, então, matou [a perdiz] deliberadamente, com uma mordida esmagadora, após o que trouxe ambas ao mesmo tempo. Essa foi a única vez, de quem se tem notícia, em que ela feriu propositalmente uma caça. Aqui temos [um exemplo de] raciocínio, embora não muito perfeito, pois a retriever poderia ter trazido primeiramente a ave ferida e depois retornado para a morta, como no caso dos dois patos. Cito aqui os dois casos como apoiados nas evidências de duas testemunhas independentes, e porque em ambos os casos as retrievers, após deliberar, romperam com um hábito por elas herdado (o de não matar a caça que buscam), e porque eles demonstram quão forte seu poder de raciocínio deve ter sido, para superar um hábito fixado.’*⁷⁷

Observe-se, aqui, numa passagem na qual o viés “lamarckista” de Darwin é evidente, dois relatos nos quais um cão específico é capaz de fazer uma escolha racional. Essa escolha, nos dois casos, contraria até mesmo a força dos hábitos herdados (instintos) e as normas preestabelecidas do jogo da caça. Tudo em nome de um compromisso ancestral com seu dono, que é honrado quando o animal usa sua mente racional para garantir o máximo de eficiência em seu comportamento, para a satisfação de seu senhor.

A complexidade subjetiva desse animal darwiniano fica ainda mais visível diante da vasta gama de emoções que esse animal experimenta. Por exemplo, junto com a simpatia, o sentimento amoroso propicia, no entendimento de Darwin, uma espécie de cimento social, capaz de conferir a consistência necessária à formação dos vínculos de compromisso mútuo. O naturalista comenta o desterro que se observa em cavalos, cães, gatos, ovelhas etc., quando separados de seus companheiros, e quão forte é a afeição mútua que pelo menos os dois primeiros [cavalos e cães] demonstram quando se reencontram.⁷⁸

Mas não é apenas o distanciamento de seus iguais que afeta o “cão de darwin”. A ausência de seu dono pode ter um efeito tão ou mais perturbador, e o autor comenta que é curioso especular a respeito dos sentimentos de um cão, que descansará em paz por horas em um quarto junto ao seu dono ou qualquer outra pessoa da família, sem que se lhe dê a menor atenção. Mas, se deixado só por um período curto de tempo, late ou gane tristemente,⁷⁹

A sociabilidade do cão parece, enfim, estar, para Darwin, intimamente ligada ao afeto que ele nutre por seu dono. E podemos observar que essa tendência gregária inata, intensa a ponto de se estender ao contato entre espécies diferentes, não se restringe ao cão, sendo também encontrada em outros animais. Além disso, no que diz respeito à relação entre cães e homens, o afeto é recíproco. Tudo isso pode ser observado na afirmação de que “animais de vários tipos são sociais; encontramos até mesmo espécies distintas vivendo juntas. Por exemplo, alguns macacos americanos, e bandos unidos de gralhas, melros e estorninhos. O homem apresenta o mesmo sentimento em seu forte amor pelo cão, que o cão retribui com interesse”.⁸⁰

Esse vínculo emocional entre cão e homem recebe grande destaque na análise que Darwin faz dos atributos mentais dos animais, ao declarar que “o amor de um cão por seu dono é notório; como diz um velho escritor de forma singular: “Um cão é o único ser nesse mundo que ama você mais do que ama a si mesmo”.⁸¹ Aliás, esse amor canino assemelha-se tanto ao humano, que inclui até mesmo os ciúmes entre seus ingredientes. Darwin defende que “a maioria das mais complexas emoções é comum aos animais superiores e a nós mesmos”. E observa que “todos já viram o quão ciumento um cão é do afeto de seu dono, se prodigalizado a qualquer outra criatura; e eu tenho observado o mesmo fato com macacos. Isso demonstra que os animais não apenas amam, mas também têm o desejo de ser amados”.⁸²

Eis, então, um animal que não apenas dedica amor, mas igualmente apresenta demandas amorosas em relação ao seu dono. Tão forte é esse laço entre cão e homem, que pode colocar à prova até mesmo poderosas tendências instintivas, e até mesmo um amor muito mais arraigado no patrimônio hereditário da espécie, como é o caso do amor da mãe pelos seus filhotes. Darwin defende que, dentre os vários instintos e hábitos, alguns são mais poderosos que outros, ou seja, alguns proporcionam maior prazer em seu desempenho e mais desprazer quando interditados do que

outros. O naturalista prossegue, afirmando que nós mesmo somos conscientes de que alguns hábitos são muito mais difíceis de ser curados ou mudados que outros. Logo, deve ser freqüentemente observada nos animais uma luta entre diferentes instintos, ou entre um instinto e alguma disposição de hábito, como quando um cão corre atrás de uma lebre, é repreendido, faz uma pausa, hesita, retoma a perseguição ou retorna envergonhado para seu mestre. Ou como [a luta] entre o amor de uma cadela por seus filhotes pequenos e por seu dono, pois ela pode ser vista escapulindo para os filhotes, como se estivesse envergonhada por não acompanhar seu dono.⁸³

Os apêndices 1 a 3 do presente registram várias outras passagens do *Descent* nas quais Darwin relata e analisa o comportamento dos cães em defesa de sua tese de continuidade mental entre animais e humanos.

Considerações finais

Procuramos apresentar ao longo deste artigo o animal darwiniano em toda sua complexidade mental e, para isso, metodologicamente amparados pelo método espécime-tipo,⁸⁴ elegemos como unidade de análise o que chamamos de “cão de Darwin”, ou seja, o cão conforme percebido e descrito por esse autor enquanto portador de atributos mentais. Muitos dos traços desse animal darwiniano já despontavam, como vimos, no período moderno, nas emergentes concepções da sociedade inglesa sobre a vida interior dos animais. E a respeito da publicação do *Descent* por Darwin, já em 1871, Thomas comenta que “não é demasiado ver [no *Descent*] [...] a influência de uma longa tradição de histórias de classe média sobre a sagacidade e o caráter animais”.⁸⁵ Tal influência não parece ter sido pequena sobre o pensamento do evolucionista. Vimos como, no *Expression*, são abundantes as referências ao cão, e há várias pranchas com gravuras de cães em diferentes posturas para ilustrar os “princípios gerais de expressão” por ele concebidos. Também no *Descent* Darwin fez inúmeras alusões ao cão como exemplo da posse, pelos animais, das mais diversas faculdades mentais, muitas das quais se encaixam no rol das emocionais: os cãesinhos que brincam são exemplos de felicidade; certos cães são bem-humorados, enquanto outros são o oposto; ao defender seu dono do ataque de terceiros, um cão demonstra simpatia e fidelidade. O ciúme que um cão sente de seu dono é evidência da necessidade que muitos animais sentem de amar e ser amados. Um cão que carrega a cesta para seu dono sente orgulho e gosta de ser aprovado ou elogiado. Acompanhamos esse cão nas alegrias e dores de suas caçadas e nas lembranças das mesmas em seus sonhos e memórias na velhice. Testemunhamos sua fidelidade e amor devocional ao dono e nos deparamos até mesmo com uma dimensão mitológica, ao presenciar o reencontro entre Darwin e seu velho cão, no qual a dupla homem-animal parece repetir a experiência arquetípica de Ulisses ao ser reconhecido por seu cão Argos após o regresso de sua jornada mítica contada por Homero nos versos da *Odisséia*. Vimos, enfim, que esse “cão de Darwin” apresenta-se como um animal mentalmente complexo e dotado de ampla e rica vida subjetiva.

Mas se o “cão de Darwin” emerge de matrizes culturais já bem estabelecidas durante o período moderno, nos valores atribuídos a esse animal pelas mentalidades aristocrática e burguesa da Inglaterra do século XVIII, nem por isso ele deixa de ser portador de “mutações”, de inovações que representam uma profunda ruptura com o pensamento científico então vigente. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que o cão, assim como qualquer outro animal, compartilha, aos olhos (da mente) de Darwin, uma origem evolucionária única com todas as demais espécies biológicas – vivas ou extintas. Ao discutir a importância da tese darwiniana da origem comum, Ernst Mayr enfatiza o caráter filosófico e epistemologicamente revolucionário dessa teoria, a qual considera uma das teorias mais heurísticas jamais propostas.⁸⁶ Afirma que a teoria da origem comum privou o homem do seu lugar único no universo, e por isso a designa “a primeira revolução darwiniana”.⁸⁷ Dentro dessa perspectiva desenvolvimentista adotada por Darwin, portanto, a mente animal despontava como precursora da mente humana. Em outras palavras, a mente humana deixava de ter origem

divina para ser apenas um caso bastante peculiar de mente animal. Ainda que gozasse de inegáveis particularidades em suas possibilidades expressivas, cognitivas, afetivas e de intervenção sobre o ambiente físico e cultural, a mente humana não era, para Darwin, de forma alguma singular em sua origem. Ela provinha do mesmo inexorável processo evolutivo que forjara, desde o primeiro sopro de vida, os movimentos protoplasmáticos das amebas, o fototropismo dos girassóis, os formidáveis instintos das vespas caçadoras, o gregarismo e a inteligência social de lobos e primatas, o apego profundo entre os cães e seus donos.

Outro importante ponto de ruptura na concepção darwiniana da mente animal é que muitas (mas não todas) dentre as faculdades mentais que Darwin atribui aos animais seriam, segundo esse autor, produtos da ação da seleção natural. Se, por um lado, é verdade que Darwin recorria à noção lamarckista da herança de caracteres adquiridos, a qual chamava de “hábitos herdados” (*inherited habits*), para explicar a origem de várias faculdades mentais e comportamentos dos animais,⁸⁸ por outro lado, há outras faculdades cuja gênese ou pelo menos sua fixação em uma população teriam raízes no mecanismo de seleção natural. É o caso, por exemplo, do que Darwin chamou de “instintos sociais”, principalmente a faculdade da simpatia (*sympathy*), como se observa no seguinte trecho: “Não importa de que maneira complexa esse sentimento [a simpatia] possa ter se originado, uma vez que ele é de grande importância para todos os animais que ajudam e defendem uns aos outros, [tal sentimento] deve ter sido aperfeiçoado por meio da seleção natural; pois aquelas comunidades que incluísem os membros mais solidários floresceriam melhor e criariam proles mais numerosas”.⁸⁹

Nessa passagem, como se pode ver, Darwin admite explicitamente a possibilidade de que a emoção da simpatia seja “fortalecida pela seleção natural”. E mais adiante Darwin explica também a origem da coragem pela ação da seleção natural, num trecho no qual aponta a origem múltipla dessa faculdade mental: “É impossível definir, em muitos casos, se determinados instintos sociais foram adquiridos pela [ação da] seleção natural ou se são conseqüências indiretas de outros instintos e faculdades, [...] mas a coragem, e em muitos casos a força, deve ter sido previamente adquirida, provavelmente através da seleção natural”.⁹⁰

Temos aqui, então, duas faculdades mentais – simpatia e coragem – para cujas origens, fixação ou disseminação nas populações Darwin invoca a seleção natural como mecanismo explicativo necessário. Muitos outros exemplos de faculdades mentais submetidas à ação da seleção natural poderiam ser citados, mas consideramos esses suficientes para fundamentar nosso argumento sobre essa questão.

A idéia da seleção natural constituiu um forte elemento de ruptura com as concepções teológicas do século XIX, pois, ao explicar o “plano” da natureza como sendo resultado de processos puramente materiais e não finalísticos, a teoria da seleção natural eliminou a necessidade de qualquer teleologia global.⁹¹ Ernst Mayr atribui à noção de seleção natural a designação de “segunda revolução darwiniana” e afirma que essa teoria foi o conceito mais revolucionário proposto por Darwin.⁹² A noção de origem comum, de um lado, destronava o homem de seu status de criatura singular feita à imagem e semelhança do Criador, mas ainda era em tese possível defender a noção de uma Criação cujo plano envolvesse todos os viventes em um processo evolutivo. Entretanto, ao explicar a origem e diferenciação de todas as formas vivas – inclusive a espécie humana – a partir de processos puramente materiais, nos quais o acaso desempenha um papel nada insignificante, a teoria da seleção natural implicava um rompimento ainda mais radical com o modelo teleológico da Teologia Natural, pois dispensava a necessidade da existência de um Criador onipotente, onisciente e benevolente a presidir as leis e mecanismos responsáveis pela vida e sua perpetuação no planeta.⁹³ A argumentação darwiniana de que muitas faculdades mentais dos animais e do homem seriam resultados da ação da seleção natural tem uma importância crucial nesse processo de ruptura, pois submete também os atributos por assim dizer do espírito aos processos causais e não finalísticos responsáveis pelas transformações da matéria. Na verdade os impactos da

teoria da seleção natural sobre a forma como o homem se vê no mundo são tão profundos que se pode dizer que os mesmos não foram de todo assimilados – mesmo na cultura ocidental – até os dias de hoje.⁹⁴

A teoria da seleção natural tem como pré-requisito necessário e indissociável de seu argumento explicativo a idéia da variabilidade intraespecífica, que constitui em si mais um ponto de ruptura e esgarçada na rede argumentativa própria da Teologia Natural. Isso porque, conforme comentado acima na apresentação do método espécime-tipo, o pensamento populacional de Darwin implicava a necessidade de uma ampla variabilidade entre os indivíduos de uma mesma população e entre as populações de uma mesma espécie, uma vez que é o indivíduo o alvo imediato da seleção natural. Para que haja uma “seleção do [circunstancialmente] mais apto” é fundamental que haja diferenças individuais significativas do grau de aptidão. Esse pensamento populacional de Darwin destoava por completo da idéia então vigente, orientada por uma perspectiva essencialista, que encarava todos os indivíduos de uma mesma espécie como fundamentalmente iguais, a variação, como aberração acidental, e as diferenças individuais, como insignificantes. Na percepção darwinista, a variação era a norma natural, e a diferença era nada menos que a matéria-prima da evolução. Acreditamos ter demonstrado neste artigo que Darwin argumenta exaustivamente em defesa de diferenças individuais significativas dos mais diversos atributos mentais nos cães e em outros animais, incluindo assim a mente animal na construção do seu pensamento populacional.

Estando agora bem estabelecidos os pontos de ruptura, consideramos importante retomarmos os aspectos de continuidade. Nesse sentido, pudemos observar no decurso deste artigo o quanto o “cão de darwin” bebe das mesmas fontes do cão vitoriano. A despeito do fixismo que vigorava nos estudos da natureza, a noção da individualidade animal – que reforça e alimenta o pensamento populacional darwiniano – era uma realidade bem conhecida, por exemplo, entre os criadores de animais. Ciente disso, Darwin conduziu pesquisas intensivas entre tais agentes, as quais resultaram nos dois volumes do livro *The variation of animals and plants under domestication*, ambos publicados no ano de 1868 – portanto, três anos antes da primeira edição do *Descent*. Embora nesses dois volumes as análises do naturalista se concentrem principalmente na variação de estruturas corporais, há algumas poucas alusões a faculdades mentais, por exemplo, quando Darwin afirma que embora algumas raças de cães sejam artificialmente selecionadas por sua força ou rapidez, esses animais são ainda mais valorizados “por suas qualidades mentais e sentidos; e qualquer um sabe o quanto as raças diferem no que diz respeito a esses aspectos”;⁹⁵ ou quando diz que os cães variam muito entre si quanto à sua maneira de caçar e no ardor com que perseguem diferentes tipos de caças ou de pragas.⁹⁶ Além disso, vimos anteriormente o quanto essa individualidade animal estava presente na mentalidade do homem vitoriano na percepção da personalidade única de seus animais domésticos, com especial destaque para os cães.

Podemos resumir nossa argumentação sustentando que o “cão de darwin” é um animal nascido e mergulhado na cultura vitoriana. Um animal civilizado e moralmente superior a seus primos selvagens. Um animal inteligente e sensível, que raciocina, delibera, imagina, brinca, sonha, sofre e ama. Mas, ao mesmo tempo, determinado a avançar além de certas barreiras impostas por alguns valores te(le)ológicos caros a esta era. Portador talvez das mesmas tensões internas e complexidade que o próprio evolucionista que o concebeu e alimentou, um homem tipicamente vitoriano em seus costumes e valores morais,⁹⁷ mas de uma ousadia intelectual revolucionária. Se, por um lado, o “cão de darwin” era um servo submisso e um amigo fiel, bem aos moldes de sua época, por outro lado, sua mente complexa e sua origem biológica humilde colocaram o homem vitoriano em seu devido lugar na ordem natural, como apenas mais um ramo da frutífera e magnânima árvore da vida. Esse destronamento fica patente na afirmação – repetida por Darwin mais de uma vez ao longo de sua extensa obra – de que por maior que seja a diferença entre os poderes mentais entre animais e humanos, trata-se de “uma diferença de grau, e não de tipo”.⁹⁸

Assim como o gentil-homem vitoriano era um amante dos cães e treinava seus animais para o ofício da caça, também Darwin soube como domar o cão vitoriano em seu favor. Sob o comando do evolucionista, esse cão partiu

de sua condição vitoriana inicial para além dos grilhões da teologia natural. Na perseguição sagaz de uma explicação naturalística das próprias origens, o “cão de darwin” salta obstáculos, cruza rios e fareja novas presas, afirmando sua individualidade, sua sensibilidade, sua complexidade mental, sua nobreza domada e sua beleza selvagem.

Apêndice 1

Faculdades mentais (em negrito) atribuídas ao cão no capítulo 3 de *Descent* e os contextos nos quais as mesmas são listadas. Os números entre colchetes indicam as páginas correspondentes:

- 1) **Felicidade**: Comportamento de brincar como exemplo máximo de felicidade, como nas “nossas crianças” [70];
- 2 e 3) **Coragem e timidez** (*courage and timidity*): Grande variabilidade individual desses atributos [71];
- 4) **Mau humor** (*ill temper*) e **bom humor** (*good temper*): Variabilidade individual de humor [71];
- 5) **Amor** (*love*): “O amor de um cão pelo seu dono é notório” [71];
- 6) **Simpatia** (*sympathy*) e **fidelidade** (*fidelity*): Defendem o dono de ataques de terceiros, o que demonstra que são dotados dessas duas faculdades [72];
- 7) **Ciúmes** (*jealousy*): Sente ciúmes do afeto de seu dono [72];
- 8) **Amor e desejo de ser amado** (*love; desire to be loved*): Os cães amam seus donos e desejam ser amados por estes [72];
- 9) **Auto-complacência** ou **orgulho** (*self-complacency or pride*): É o que exhibe um cão que carrega a cesta para seu dono [73];
- 10) **Magnanimidade** (*magnanimity*): Exibida pelo cão grande que desdenha os rosnados de um caõzinho [73];
- 11) **Vergonha** (*shame*): Darwin não tem dúvida de que um cão sente vergonha, que diferencia do medo [73];
- 12) **Modéstia** (*modesty*): Um cão exhibe um sentimento semelhante a esse ao implorar por comida [73];
- 13) **Senso de humor** (*sense of humour*): Em certa forma de brincar com o dono [73];
- 14 e 15) **Excitação** (*excitement*) e **tédio** (*ennui*): Animais apresentam excitação e sofrem de tédio, como os cães e os macacos [73];
- 16) **Imitação**: Relato de cães criado por gatas, que imitam movimentos de gatos [75];
- 17) **Lembranças** (*memories*): Um velho cão que reconheceu Darwin após uma ausência de 5 anos [77];
- 18) **Imaginação**: Os cães sonham, portanto, têm alguma imaginação [76]; Deve haver algo [imaginário] que faz os cães uivarem ao luar. [77]; Se realmente são perturbados pelos vagos contornos de objetos, “podem quase ser chamados de supersticiosos” [77];
- 19) **Razão / Associação de Idéias**: Estratégias de cães para marchar no gelo fino [77]; Habilidade em encontrar água, cavando [78]; Soluções deliberadas tomadas por um retriever para buscar patos alvejados pelo dono [80].

Apêndice 2

Contestação por Darwin de aforismos então comuns (em negrito) que tentavam estabelecer a singularidade mental humana e os contextos nos quais os mesmos são listados, no capítulo 3 do *Descent*. Os números entre colchetes indicam as páginas correspondentes. Somente foram listados aqueles aforismos nos quais o cão figura como portador das faculdades mentais em questão:

Capacidade de auto-aperfeiçoamento: O cão progrediu em “certas qualidades morais”, quando comparado com o lobo e outros parentes selvagens. São exemplos dessas “qualidades”: afeição, confiabilidade (*trust-worthiness*), temperamento, inteligência geral. [83];

Poder de Abstração / Formação de conceitos genéricos: Quando um cão vê outro à distância, este outro é percebido no abstrato [86];

Auto-consciência: Um velho cão com excelente memória e algum poder de imaginação poderia “refletir sobre seus prazeres e dores passados” [86];

Individualidade Mental: O mesmo cão acima, que reconheceu Darwin após uma ausência de 5 anos [86];

Posse de Linguagem: A expressão de emoções – tais como avidez (*eagerness*); raiva (*anger*); desespero (*despair*); alegria (*joy*); demanda ou súplica (*demand or supplication*) – requer o domínio de uma linguagem. É o caso do uso de sons distintos para expressar esses diferentes estados [87]; O cão entende várias palavras e sentenças, o que indica que possui certa “inteligência vocal” [88 /92];

Atribuição a objetos inanimados de vida animada por agentes espirituais: Seu cão rosnava quando o vento movia seu guarda-sol [98];

Devoção: O profundo amor de um cão pelo dono assemelha-se ao sentimento de devoção religiosa [99].

53

Apêndice 3

Faculdades mentais atribuídas ao cão no capítulo 4 do *Descent* e os contextos nos quais as mesmas são listadas. Os números entre colchetes indicam as páginas correspondentes:

1) **Amor** (*love*): Forte amor que o dono sente pelo cão, e este retribui [103];

2) **Desterro** (*miserableness*): cães sentem-se desterrados quando separados de seus companheiros [103];

3) **Melancolia** (*dismal*): Quando o dono sai do quarto onde estavam juntos em silêncio, late ou uiva melancolicamente (*dismally*) [103];

4) **Perplexidade** (*astonishment*): Cães ficam perplexos ante um ataque feito por babuínos [104];

5) **Sentimento terno** (*kind feeling*): Um cão que era um grande amigo de um gato que estava adoentado e que, sempre que passava por este, lambia-o de maneira afetiva [105];

6 e 7) **Simpatia** (*sympathy*) / **coragem** (*courage*): Deve-se chamar de “simpatia” o que faz um cão corajoso atirar-se em qualquer um que agrida seu dono [106];

8) **Consciência** (*conscience*): Darwin concorda com Agassiz que os cães possuem algo muito semelhante a uma consciência [106];

9) **Auto-controle** (self-command): os cães possuem alguma capacidade de auto-controle, uma vez que refreiam-se de roubar comida na ausência do dono [106];

10) **Satisfação, prazer X Insatisfação, desprazer**: Cães de diferentes raças experimentam prazer em desempenhar certos atos instintivos e desprazer ao desempenhar outros, e os atos em questão variam de acordo com as tendências inatas de cada raça [107];

11) **Força dos instintos herdados**: Um jovem *pointer* não pode evitar apontar quando fareja a caça [108];

12) **Luta entre dois instintos em conflito, ou ente um instinto e um hábito**: Exemplos: quando um cão persegue uma lebre e depois retorna para seu mestre; conflito de uma cadela entre o amor por seu dono e aquele pelos seus filhotes [110];

13) **Ódio** (hatred): Capacidade que alguns cães têm de odiar prolongadamente homens ou cães estranhos, como se fossem seus inimigos [116, nota].

Notas e referências bibliográficas

André Luis de Lima Carvalho é doutorando no Programa de Pós-graduação em História das Ciências da Saúde COC–FIOCRUZ (acbiopsi@yahoo.com.br) e *Ricardo Waizbort* é pesquisador do Departamento de Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz e professor do Programa de Pós-graduação em História das Ciências da Saúde COC–FIOCRUZ (ricw@coc.fiocruz.br)

54

- 1 DARWIN, Charles. *Origem das espécies*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002 [1859].
- 2 “In the agony of death a dog has been known to caress his master, and every one has heard of the dog suffering under vivisection, who licked the hand of the operator; this man, unless the operation was fully justified by an increase of our knowledge, or unless he had a heart of stone, must have felt remorse to the last hour of his life”. DARWIN, Charles. *The descent of man and selection in relation to sex*. New York: Prometheus Books, 1998a [1871], p. 71.
- 3 É importante ressaltar que Darwin não se opunha à experimentação animal. A chave para essa aparente incongruência no trecho acima citado é a ressalva por ele feita: “[...] a menos que a operação fosse plenamente justificada por um aumento em nosso conhecimento [...]”. Na verdade, no início da década de 1880 Darwin envolveu-se ativamente em um acirrado debate entre cientistas e ativistas do movimento em defesa dos animais, e sua posição foi a favor da vivisseção, justificada na visão do naturalista pela necessidade de expansão da fisiologia como campo de investigação legítimo. BROWNE, Janet. *Charles Darwin – The power of place*. London: Random House, 2003.
- 4 “The feeling of religious devotion is a highly complex one, consisting of love, complete submission to an exalted and mysterious superior, a strong sense of dependence, fear, reverence, gratitude, hope for the future, and perhaps other elements. No being could experience so complex an emotion until advanced in his intellectual and moral faculties to at least a moderately high level. Nevertheless, we see some distant approach to this state of mind in the deep love of a dog for his master, associated with complete submission, some fear, and perhaps other feelings. [...] Prof. Braubach goes so far as to maintain that a dog looks on his master as on a god.” DARWIN, 1998a [1871], p. 98.
- 5 “I had a dog who was savage and averse to all strangers, and I purposely tried his memory after an absence of five years and two days. I went near the stable where he lived, and shouted to him in my old manner; he shewed no joy, but instantly followed me out walking, and obeyed me, exactly as if I had parted with him only half an hour before. A train of old associations, dormant during five years, had thus been instantaneously awakened in his mind.” DARWIN, 1998a [1871], p. 76.
- 6 BOWLER, Peter. J. *Evolution: the history of an idea*. Berkeley: Univ. California Press, 1989.
- 7 CLUTTON-BROCK, Juliet. *Origins of the dog: domestication and early history*. In: SERPELL, James. *The domestic dog: its evolution, behaviour and interactions with people*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 10.
- 8 MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- 9 HULL, David. *Darwinism as a historical entity: a historiographic proposal*. In: KOHN, David (ed.). *The Darwinian heritage*. Princeton: Princeton University Press, 1985.
- 10 *Ibid.*
- 11 *Ibid.*
- 12 DARWIN, 2002 [1859], p. 37.
- 13 HULL, op. cit.
- 14 Observe-se que Darwin nunca realmente sistematizou uma teoria da mente como tal. BURKHARDT, Richard W. *Darwin on animal behavior and evolution*. In: KOHN, David, op. cit. Todas as suas teorizações sobre a mente animal e humana podem ser consideradas ramos de sua abrangente teoria evolutiva, pois sua argumentação a respeito de quaisquer aspectos mentais tem sempre como ponto de partida e/ou alvo final a questão da evolução. Desse modo, a opção pela proposição “de” em vez da proposição “em” não deve ser considerada casual ou irrelevante. Referimo-nos aqui a uma “teoria da

- mente em Darwin”, que também chamaremos de “teoria darwiniana da mente” como aquela teoria sobre a mente que se pode depreender do todo da obra de Darwin – e, mais especificamente para delimitação de nossos estudos, do *Descent* e do *Expression*.
- 15 DARWIN, 2002 [1859]
 - 16 Nota dos Editores da 4a edição da tradução brasileira da *Origem das espécies*, de Charles Darwin, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002
 - 17 BOWLER, op. cit.; KNIGHT, David. *Ordering the world - a history of classifying man*. London: Burnett Books, 1981; SHAPIN, Steven. *A revolução científica*. Lisboa: Difel, 1999.
 - 18 BOWLER, op. cit.
 - 19 BROWNE, op. cit.
 - 20 BOWLER, op. cit.
 - 21 ALLEN, David Elliston. *The naturalist in Britain – a social history*. Suffolk: Penguin Books, 1978, p. 179.
 - 22 KNIGHT, op. cit., p. 28.
 - 23 CARON, JOSEPH A. *Biology in the life sciences: a historiographical contribution*. *History of Science*, XXVI: 1988; KNIGHT, op. cit., p. 190.
 - 24 MAYR, op. cit., p. 29.
 - 25 SHAPIN, op. cit., p. 144.
 - 26 BOWLER, op. cit.; ELLEGARD, Alvar. *Darwin and the general reader: the re-ception of Darwin's theory of evolution in the British periodical press, 1859-1872*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990; MAYR, op. cit.
 - 27 SHAPIN, op. cit.
 - 28 MAYR, op. cit., p. 564.
 - 29 RICHARDS, Robert. J. *Darwin and the emergence of evolutionary theories of mind and behavior*. Chicago: University of Chicago Press, 1989, p. 28-62.
 - 30 MAYR, op. cit., p. 140.
 - 31 ELLEGARD, op. cit., p. 280.
 - 32 GATHERER, Derek 1997 *Macromemetics: towards a framework for the re-unification of Philosophy*. *Journal of Memetics – Evolutionary models of information transmission*, v. 1. www.cpm.mmu.ac.uk/jom-emit/1997/vol1/gatherer_dg.html (capturado em 12/08/2001).
 - 33 DARWIN, 1998a [1871]; DARWIN, Charles. *The expression of the emotions in man and animals*. New York: Oxford University Press, 1998b [1872]; DARWIN, 2002 [1859].
 - 34 “Is man an ape or an angel? I am on the side of the angels”. Citado em Browne, 2003, p. 251.
 - 35 ELLEGARD, op. cit.
 - 36 *Ibid.*, p. 31.
 - 37 HUXLEY, Thomas H. *Man's place in nature*. New York: Random House, 2001 [1872].
 - 38 DARWIN, 1998a [1871].
 - 39 ELLEGARD, op. cit.
 - 40 DARWIN, 1998b [1872].
 - 41 BROWNE, op. cit.; RICHARDS, op. cit.
 - 42 Hoje a maioria dos cientistas considera o cão um descendente direto do lobo (*canis lupus*) e, desde o período geológico do Pleistoceno Médio – compreendido entre 700.000 e 120.000 anos atrás –, já existem registros arqueológicos de ossos de lobos em associação com os de humanos, o que sugere que alguns lobos domados teriam sido os precursores dessa relação já milenar entre cães e homens. CLUTTON-BROCK, op. cit.
 - 43 CLUTTON-BROCK, op. cit., p. 10.
 - 44 SERPELL, op. cit.
 - 45 *Ibid.*
 - 46 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 210.
 - 47 *Ibid.*, p. 215.
 - 48 *Ibid.*, p. 223.
 - 49 *Ibid.*, p. 141.
 - 50 *Ibid.*, p. 122.
 - 51 Embora em nenhum momento do texto o autor defina “período moderno” ou “tempos modernos”, sua obra delimita a partir do próprio subtítulo a extensão de tempo estudada: do início do século XVI ao fim do século XVI, ainda que por vezes suas análises abranjam também o século XIX. Dessa forma, também aqui adotaremos a terminologia usada por Thomas (op. cit.), entendendo como “período moderno” os anos compreendidos entre 1500 e 1800.
 - 52 *Ibid.*, p. 124.
 - 53 *Ibid.*, p. 130.
 - 54 BROWNE, op. cit., p. 407.
 - 55 *Ibid.*, p. 361.
 - 56 *Ibid.*, p. 349.
 - 57 *Ibid.*, p. 361.
 - 58 *Ibid.*, p. 401.
 - 59 *Ibid.*, p. 361.
 - 60 *Ibid.*, p. 361.
 - 61 *Ibid.*, p. 382.
 - 62 “The chief causes of the low morality of savages, as judged by our standard, are, firstly, the confinement of sympathy to the same tribe. Secondly, powers of reasoning insufficient to recognise the bearing of many virtues, especially of the self-regarding virtues, on the general welfare of the tribe. Savages, for instance, fail to trace the multiplied evils consequent on a want of temperance, chastity, &c. And, thirdly, weak power of self-command; for this power has not been strengthened through long-continued, perhaps inherited, habit, instruction and religion.” DARWIN, 1998a [1871], p. 123, grifos nossos. Aqui o termo simpatia não deve ser entendido em sua acepção mais comum, de mera aparência ou atitude agradável aos olhos do outro. Estamos tomando o termo em uma acepção ampla, como tradução do termo *sympathy*, em inglês. Para melhor explicação desse significado mais amplo do termo *simpatia*, traduzimos aqui a explicação do verbete *sympathy*, do *Randomhouse Unabridged Dictionary*: “*simpatia (sympathy)*, compaixão (*compassion*), piedade (*pity*), empatia (*empathy*) todos denotam a tendência, prática, ou capacidade de compartilhar os sentimentos dos outros, especialmente seu distresse, pesar, ou desejos não realizados. *SIMPATIA* é o mais abrangente desses termos, significando uma afinidade generalizada em relação aos sentimentos de outra pessoa, não importa qual a natureza desses sentimentos.”
 - 63 “Our domestic dogs are descended from wolves and jackals, and though they may not have gained in cunning, and may have lost in wariness and suspicion, yet they have progressed in certain moral qualities, such as in affection, trust-worthiness, temper, and probably in general intelligence”. DARWIN, 1998a [1871], p. 83.

- 64 THOMAS, op. cit., p. 116.
- 65 *Ibid.*, p. 121.
- 66 GAY, Peter. O coração desvelado - a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- 67 MAYR, op. cit.
- 68 BOWLER, op. cit.; DARWIN, 2002 [1859]; ELLEGARD, op. cit.; MAYR, op. cit.
- 69 "The variability of the faculties in the individuals of the same species is an important point for us, and some few illustrations will here be given. But it would be superfluous to enter into many details on this head, for I have found on frequent enquiry, that it is the unanimous opinion of all those who have long attended to animals of many kinds, including birds, that the individuals differ greatly in every mental characteristic." DARWIN, 1998a [1871], p. 67.
- 70 DARWIN, 1998a [1871], p. 70.
- 71 "Courage and timidity are extremely variable qualities in the individuals of the same species, as is plainly seen in our dogs. Some dogs and horses are ill-tempered, and easily turn sulky; others are good-tempered; and these qualities are certainly inherited." DARWIN, 1998a [1871], p. 71.
- 72 *Ibid.*, p. 106.
- 73 "It may be freely admitted that no animal is self-conscious, if by this term it is implied, that he reflects on such points, as whence he comes or whither he will go, or what is life and death, and so forth. But how can we feel sure that an old dog with an excellent memory and some power of imagination, as shewn by his dreams, never reflects on his past pleasures or pains in the chase? And this would be a form of self-consciousness". (DARWIN, 1998a [1871], p. 86; grifos nossos)
- 74 "That animals retain their mental individuality is unquestionable. When my voice awakened a train of old associations in the mind of the before-mentioned dog, he must have retained his mental individuality, although every atom of his brain had probably undergone change more than once during the interval of five years." DARWIN, 1998a [1871], p. 87.
- 75 DARWIN, 1998a [1871], p. 73.
- 76 *Ibid.*, p. 77.
- 77 "The following cases relate to dogs. Mr Colquhoun winged two wild ducks, which fell on the further side of a stream; his retriever tried to bring over both at once, but could not succeed; she then, though never before known to ruffle a feather, deliberately killed one, brought over the other, and returned for the dead bird. Col Hutchinson relates that two partridges were shot at once, one being killed, the other wounded; the latter ran away, and was caught by the retriever, who in her return came across the dead bird; 'she stopped, evidently greatly puzzled, and after one or two trials, finding she could not take it up without permitting the escape of the winged bird, she considered a moment, then deliberately murdered it by giving it a severe crunch, and afterwards brought away both together. This was the only known instance of her ever having willfully injured any game'. Here we have reason though not quite perfect, for the retriever might have brought the wounded bird first and then returned for the dead one, as in the case of the two wild ducks. I give the above cases as resting on the evidences of two independent witnesses, and because in both instances the retrievers, after deliberation, broke through a habit which is inherited by them *(that of not killing the game retrieved), and because they show how strong their reasoning faculty must have been to overcome a fixed habit." DARWIN, 1998a [1871], p. 80, grifos nossos.
- 78 *Ibid.*, p. 103.
- 79 *Ibid.*
- 80 "Animals of many kinds are social; we find even distinct species living together; for example, some American monkeys; and united flocks of rooks, jackdaws, and starlings. Man shews the same feeling in his strong love for the dog, which the dog returns with interest." DARWIN, 1998a [1871], p. 103.
- 81 "The love of a dog for his master is notorious; as an old writer quaintly says, 'A dog is the only thing on this earth that luv's you more than he luv's himself.'" DARWIN, 1998a [1871], p. 71.
- 82 "Every one has seen how jealous a dog is of his master's affection, if lavished on any other creature; and I have observed the same fact with monkeys. This shews that animals not only love, but have desire to be loved." DARWIN, 1998a [1871], p. 72.
- 83 *Ibid.*, p. 110.
- 84 HULL, op. cit.
- 85 THOMAS, op. cit., p. 189.
- 86 MAYR, op. cit., p. 140.
- 87 *Ibid.*, p. 99.
- 88 DARWIN, 1998b [1872]. Essa questão da transmissão de faculdades mentais a partir da herança de hábitos adquiridos é bem discutida em RICHARDS, op. cit., p. 320, principalmente no que diz respeito às emoções.
- 89 "In however complex a manner this feeling [sympathy] may have originated, as it is one of high importance to all those animals which aid and defend one another, it will have been increased through natural selection; for those communities, which included the greatest number of the most sympathetic members, would flourish best, and rear the greatest number of offspring." DARWIN, 1998a [1871], p. 110.
- 90 "It is, however, impossible to decide in many cases whether certain social instincts have been acquired through natural selection, or are the indirect result of other instincts and faculties [...] but courage, and in most cases strength, must have been previously acquired, probably through natural selection. *Ibid.*, p. 110.
- 91 MAYR, op. cit., p. 568.
- 92 *Ibid.*, p. 569.
- 93 Note-se, no entanto, que a seleção natural não é sinônimo de acaso. As variações são aleatórias, mas as pressões seletivas são consideradas fatores direcionais do processo evolutivo.
- 94 DENNET, Daniel. A perigosa idéia de Darwin. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- 95 "[...] [F]leetness and strength are valued in camels and dogs; and we have with the former the swift dromedary and heavy camel; with the latter the greyhound and mastiff. But dogs are valued even in a higher degree for their mental qualities and senses; and every one knows how greatly the races differ in these respects." DARWIN, C. R.. The variation of animals and plants under domestication. Volume 2. Primeira edição. Londres: John Murray, 1868, p. 202. Disponível em: http://darwin-online.org.uk/converted/published/1868_Variation_F877/1868_Variation_F877.2.html.
- 96 "Every one knows how the breeds of the dog differ from one another in their manner of hunting, and in their ardour after different kinds of game or vermin." *Ibid.*, p. 304.
- 97 BROWNE, op. cit.
- 98 "Nevertheless the difference in mind between man and the higher animals, great as it is, is certainly one of degree and not of kind." DARWIN, 1998a [1871], p. 130.

[Artigo recebido em 05/2007 | Aceito em 04/2008]